



Papel insubstituível e decisivo da vida fraterna em comunidade

Idília Carneiro, hospitaleira do Sagrado Coração de Jesus

Começo esta reflexão com palavras de Jesus que nos centram no essencial da fidelidade: *permanecei no meu amor* (Jo 15,9). Um convite claro e objetivo para a Vida Consagrada, que envolve toda a nossa existência consagrada. Da nossa resposta brotará o sentido e a coerência da fidelidade. Estar com Jesus, viver em Jesus, aprender o amor do seu Coração compassivo, com outros – irmãos e irmãs, convocados pelo mesmo dom de amor, é caminho quotidiano de crescimento, de descoberta, de cruz e de graça, porque fomos escolhidos para permanecer e ser enviados.

Refletir sobre o *Papel insubstituível e decisivo da vida fraterna em comunidade* foi o tema que me foi proposto refletir. Faço-o a partir do documento *O dom da Fidelidade e a alegria da Perseverança* (CIVCSVA).

Um convite inicial: deixemo-nos interpelar por essa dimensão tão central na Vida Consagrada que é a vida fraterna em comunidade, insubstituível e decisiva. Não apenas com a objetividade da razão, mas também com a inteligência do coração.

A comunidade como o espaço humano e sagrado, onde Deus encarna torna-se presença e se quer revelar ao mundo, onde aprendemos a ser, numa dinâmica de comunhão tecida no diálogo carismático de *identidade, pertença e missão*. Processo pascal que nos vai transformando, desafiando-nos a esse reconhecimento agradecido pelo dom da vocação e comprometendo-nos na liberdade de um Sim responsável a percorrer este caminho partilhado de conversão, purificação, mas também de beleza, de gratuidade e de entrega.

1. Ramos... mas sempre a raiz

Preocupa-nos quando algum ramo se desprende da árvore, e as razões, pessoais e eventualmente comunitárias, que o poderão ter desencadeado. Mas também nos preocupa se os ramos não têm o vigor necessário de uma credibilidade evangélica.

A árvore da Vida Consagrada sofre ventos fortes, mas como sempre, se as suas raízes permanecem bem profundas e firmes, agarradas à Terra, permanecerá de pé, embora possa perder ramos, partir algum galho, desfolhar-se, mas a raiz aguentará o embate dos ventos. Depois poderá necessitar de um tempo de poda, para que de novo a vida brote com vigor e dê bons frutos. Este é o nosso processo de criação e recriação, que exige lucidez dócil, escuta atenta, discernimento evangélico, para sabermos interpretar a realidade segundo a vontade de Deus, deixando-nos refazer pelas suas mãos, que cuida e molda o barro que somos.

O Papa Francisco na sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, desafiou-nos a viver em dinâmica de 'saída' como um novo chamamento: *sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*¹. Novo que implica um outro olhar, uma perspectiva diferente, não a partir de nós, individualmente, mas a partir de outros e de uma outra realidade, descodificando outras coordenadas que nos reposicionam evangelicamente.

O nosso tempo tem características fortemente interpelativas para a compreensão da fidelidade e da perseverança, e especialmente para a vida fraterna. Esta atmosfera moldada por metáforas pós-modernas que defendem o fragmentário, o fluido, o temporário, o descartável, a indiferença, a autorreferencialidade... afeta as formas de pensar, sentir, experienciar, viver, comprometer-se... tudo acontece na esfera de um eu individual, inseguro, numa precaridade de vínculos, num tempo líquido, efêmero, podendo ser interrompidos a qualquer momento.

É no contexto de uma cultura do descarte, do individual, do mundo 'pensado' e sentido apenas a partir da esfera de um 'eu' (in)seguro que irrompe sobre a humanidade uma pandemia. Os seus efeitos são devastadores, quantas vidas e histórias afetadas e interrompidas, quanto sofrimento, quantas feridas interiores e sociais, quantos distanciamentos e isolamentos, não definidos por uma qualquer liberdade individual, quanta necessidade de conforto, de consolo, de proximidade...

Socialmente, pensamos no que nos pode ensinar este vírus invisível que está a transformar as nossas relações, a relevar fragilidades sociais e, sobretudo, nos confronta com a fragilidade da nossa existência. Como Vida Consagrada, que interpelações esta situação nos provoca? Além de nos despertar para a responsabilidade pelo outro, para o cuidado recíproco, para uma proximidade atenta e solícita, para o consolo da presença, para um testemunho de fé e de esperança... Deus estará a pedir-nos algo mais?

¹ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), n. 20.

Há uma humanidade que espera compaixão e cuidado, uma multidão faminta, uma multidão doente, de saúde física, mas também psíquica e espiritual, uma *multidão sedenta de encontro*, de Deus e do encontro com os outros, de hospitalidade samaritana.

Não basta afirmar que nos *convoca a paixão pela humanidade, é necessário que os núcleos comunitários sejam expressão viva dessa com-paixão*². À volta de um Jesus compassivo, atento ao sofrimento humano, aos excluídos, aos sós, aos que vivem fora, vai-se construindo uma comunidade samaritana, a comunidade dos que estão com Ele e partilham a sua compaixão pela humanidade e são enviados a curar os doentes (Mc 3,15). Esta é a comunidade de uma fraternidade compassiva.

2. Um tesouro ... vasos frágeis

A fidelidade é dom de Deus 'escondido' na terra frágil do nosso ser, como *tesouro que levamos em frágeis vasos de barro* (2 Cor 4,7).

É esta verdade, iluminada por Aquele que é Fiel, que nos ajudará a percorrer os caminhos de discernimento e de conversão, que necessitamos para responder às perguntas fundamentais: não tanto porquê, mas para quê e o como, plasmando essa voz do Espírito, com o vigor criativo e carismático dos nossos Fundadores.

Olhando e escutando o nosso mundo, não só o que nos rodeia, mas o que nos habita, pessoal e comunitariamente, vamos consciencializando a urgência de um sentido significativo, que ajude compassivamente a ultrapassar as várias crises que nos afetam a todos, crises de sentido, de identidade, de pertença. A fidelidade toca a nossa identidade de consagrados e a verdade do nosso ser.

Não acontece na esfera individual de um eu fechado na sua autorreferencialidade, mas no constante criativo de intersubjetividades. Talvez a prioridade deva ser dada ao coração, a deixar-se olhar, acolher, perdoar, amar, *misericordiar*...

Sentir a realidade a partir desse *amor primeiro*, dessa experiência que nos fez e continua a fazer arder o coração: de caminho percorrido juntos, de encontro, da mesa, da escuta partilhada da Palavra... do abrir-se dos olhos, reconhecendo-O e n'Ele a cada um de nós. E, geralmente, levamos a inverter o sentido do caminho...

Habitamos um tempo e um espaço estranhos, social e culturalmente. A chamada "modernidade líquida" (Zygmunt Bauman) afeta transversalmente todas as dimensões do existir humano. Pensemos nas relações *humanas* frágeis e fluidas, que acontecem num tempo líquido e efémero, relativo e individual; identidades e personalidades (de)formadas pelo consumo em que o eu e o ter são mais importantes que o ser. O acento é a própria vontade de liberdade individual, acreditando

² GONZALO DIEZ, Luiz Alberto, *El fenómeno comunitario de la Vida Consagrada, hacia un nuevo paradigma de reorganización*, Madrid, 2019, p. 53.

que ela só depende de nós mesmos. E a partir deste centro individual desenvolve-se uma (des)compreensão da existência, em que o provisório e descartável da vida e das relações vai ganhando espaço no critério de decisão e das vontades: *usa-se enquanto...* e não *tanto quanto!* Já entrevemos com que facilidade os vínculos humanos podem ser interrompidos (descartados), como pode crescer a insensibilidade (indiferença) em relação ao outro.

O espaço da relação, desvinculado de presença afetiva e efetiva, caracteriza-se por conexões *em continuum*, que se fazem, desfazem e refazem. A relação acontece mais em rede virtual que na presença-pertença da comunidade.

Esta arquitetura de uma '*existência líquida*' também nos afeta. O desafio e exigência de *estar no mundo, sem ser do mundo* (Jo 17,16), torna-se agora mais forte, exigindo-nos uma atitude permanente de vigilância e discernimento.

É tão fácil deslizar para um estilo de vida pouco comprometida, no descuido da relação com o Mestre que vai enfraquecendo a semente de uma vida espiritual sólida e fecunda, mas também no descuido da relação com os outros, conosco mesmos, numa progressiva desvinculação pessoal e comunitária³. Estamos num espaço onde não nos revemos e num tempo fugidio, mais marcado por ritmos individuais que pelo ritmo da missão.

A comunidade é *de per se* comunidade frágil, pois constrói-se como esse espaço de convocação e de encontro de pessoas frágeis, portadoras da alegria de possuir o mesmo tesouro que partilham fraternalmente⁴. Esta comunidade, na sua fragilidade, é sempre um ser vivo que, nas suas dimensões espirituais, relacionais, familiares, fraternas, emocionais, organizativas, físicas e apostólicas, necessita repensar-se, reconfigurar-se, recentrar-se, redescobrir-se... e para isso são necessários artesãos, construtores, pastores, agricultores... com os nossos dons. Sonhamos a comunhão, esse espaço-família onde nos sintamos pertença, onde partilhamos, descansamos, rezamos, aprendemos, crescemos, discordamos, acolhemos diferentes pontos de vista, discernimos, buscando juntos a vontade de Deus. Não experimentaremos hoje um déficit deste espaço comunhão-família?

O documento das Orientações faz referência a algumas situações críticas que refletem e são muitas vezes elas próprias geradoras de experiências frágeis de comunhão e, conseqüentemente, geradoras de uma *fidelidade precária ou desvios de infidelidade*⁵: um estilo de vida fraterna medíocre, sem envolvimento e compromisso, relações superficiais e funcionais, relacionamentos interpessoais que se reduzem a um formal respeito recíproco, encontros comunitários que se realizam mais por obrigação do que por desejo de encontro e comunhão, começando a ser vivido

³ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *O dom da Fidelidade, a alegria da Perseverança*, Orientações, Secretariado Geral do Episcopado, 2020, n. 15.

⁴ Cf. Idem, *Instrução A vida fraterna em comunidade*, (2 de fevereiro de 1994), n. 67.

⁵ Idem, *O dom da Fidelidade e a alegria da Perseverança*, n. 4.

como ameaça à tranquilidade no 'seu mundo', e surgem as condições do progressivo esvaziar-se do sentido de fraternidade⁶.

As dificuldades relacionais podem levar, não poucas vezes, ao isolamento e distanciamento, à tristeza, ao ressentimento, à lamentação contínua e à monotonia (n. 19).

Por outro lado, também a tensão desestruturada entre comunidade e missão está muitas vezes na origem de conflitos pessoais e comunitários, provoca divisão interior, insatisfação e desilusão, alimenta desafetos na comunidade, debilita o sentido de pertença ao Instituto e, por último, pode desmotivar a própria escolha de vida, considerando o abandono do Instituto como única saída⁷.

Estas situações críticas, que podem gerar desafetos e perdas, não são fim em si mesmas, embora em algumas circunstâncias sejam precipitantes para um fim, mas na verdade podem ser resgatadas através de *uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano. Não deixemos que nos roubem a comunidade!*⁸ O roubo mais preocupante é efetivamente o esvaziamento comunitário, sem conteúdo, sem expressão, sem alegria...

3. A significatividade do amor ... dom e finitude

O mistério da con-vocação compromete-nos a pensar e a viver a partir de um nós comunitário, afetivo e efetivo, numa dinâmica evangélica tecida entre a graça do dom e a ambivalência da nossa finitude. Aqui coloca-se a liberdade entre a possibilidade e a fragilidade, num encontro face a face sem máscaras, nem outras redes, mas feito de presença viva e inteira.

Somos vidas cativadas por Jesus e a sua graça nos sustenta⁹. É na sua fidelidade que existimos, nos movemos e crescemos... a sua história de amor desenha-se em nós entre o dom e a fragilidade, em processo de crescimento e dinâmica pascal.

Urge recuperar a significatividade da 'convocação carismática'¹⁰ como vínculo identitário e apostólico, capaz de enfrentar a crise de sentido de pertença¹¹.

A uma realidade enferma necessariamente temos de responder terapêuticamente, e a nossa resposta como Vida Consagrada é o exercício do amor-caridade, compassivo e fraterno que gere pertença, que nos descentre e centre. Precisamos de voltar a escutar esse apelo forte e claro: sermos verdadeiramente *peritos em comunhão* se vivermos a espiritualidade da comunhão,

⁶ Cf. Idem, n. 18.

⁷ Cf. Idem, n. 20.

⁸ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 92.

⁹ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *Partir de Cristo: Um renovado compromisso da vida consagrada no Terceiro Milénio* (19 de março de 2002), n. 22.

¹⁰ Idem, *O dom da Fidelidade a alegria da Perseverança*, n. 61.

¹¹ *Ibidem*, n. 15.

*testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus, pois temos uma vocação para a comunhão no amor.*¹²

Ser *memória comunitária* desse amor fundante e configurativo da nossa entrega em consagração é o primeiro anúncio da Vida Consagrada e nela está o dinamismo de um futuro de vida e testemunho.¹³

O irmão e a irmã *fazem-se sacramento de Cristo e do encontro com Deus*, a possibilidade concreta e, mais ainda, a necessidade impreterível para poder viver o mandamento do amor, um amor que é livre e nos introduz na dinâmica pascal da liberdade. A fidelidade *é uma virtude que pertence constitutivamente à liberdade.*¹⁴ É pessoal, mas também corresponsável e ‘interdependente’ de outras fidelidades; é tecida com as fidelidades dos irmãos e irmãs que percorrem conjuntamente caminhos de entrega e de serviço gratuito da vida.

*O encontro com o amor de Deus resgata-nos da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade*¹⁵, que torna o olhar opaco e empequenece o coração e enfraquece o dinamismo de crescimento inerente à fidelidade. Urge abrimo-nos à novidade de Deus¹⁶, deixar que o bálsamo do seu amor sanador rompa os círculos de isolamento e distanciamento e nos ensine na simplicidade dos gestos quotidianos, de proximidade e estima recíproca a redescobrir o sentido do encontro, a beleza dos vínculos de estima e amizade¹⁷.

A fidelidade vive do encontro. Somos seres de encontro. Em nós existem marcas de Deus Trindade, que nos criou para a relação e o encontro. A sua imagem está impressa no mais profundo do ser. E existencialmente habita-nos esse desejo de relação, família, comunhão. Necessitamos dessa relação de amor para fazermo-nos pessoas em plenitude. Somos sedentos de relação, de comunidade... de encontro que liberte e plenifique.

O encontro muitas vezes pressupõe morte para depois renascer, envolve não apenas algumas áreas da nossa vida e do nosso ser pessoal, mas a totalidade do ser: inteligência e vontade, mente e coração, firmeza e doçura do consentimento.

Pensar o processo de fidelidade na dinâmica da vida fraterna em comunidade situa-nos no âmago do próprio mistério da Trindade, pois a nossa fidelidade é chamada a ser, na sua fragilidade, *como a de Deus pelo homem, portanto, uma fidelidade total, na medida em que vai até à entrega sem reservas, até à Cruz*¹⁸.

¹² JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata* (25 de março de 1996), n. 46.

¹³ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *Partir de Cristo*, n. 29.

¹⁴ Idem, *O dom da Fidelidade a alegria da Perseverança*, n. 15.

¹⁵ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 8.

¹⁶ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *O dom da Fidelidade, a alegria da Perseverança*, n. 9.

¹⁷ Idem, n. 19.

¹⁸ Idem, n. 33.

É este amor total e inteiro derramado em nossos corações que nos é ensinado por Jesus e comunicado por meio do seu Espírito¹⁹, que nos vai transformando em *artífices de fraternidade*.

Como conciliar a identidade pessoal de cada um com as dinâmicas comunitárias? As relações interpessoais com personalidades tão distintas? Se o amor nos conduz, nada nos impedirá de apostar na comunhão. Apostemos a identidade, a pertença e a vocação em seguir Jesus sem reservas²⁰.

O vínculo decisivo de pertença e de missão é sempre o amor. E *nada nos poderá separar deste amor*, que em si tem a dimensão de um tempo e espaço teológico, afetivo e carismático. Nem mesmo as atividades apostólicas que, não raras vezes, exigem um difícil equilíbrio para não fragmentar o sentido da entrega e encurtar o horizonte para *ser comunidade em missão*. A comunidade envia-nos em missão evangelizadora, dela recebemos o envio e a riqueza da atualização da missão carismática. E, desde esta experiência, a tensão entre comunidade e missão, quando bem integrada, oferece-se como uma oportunidade de criatividade e de inovação²¹.

4. Comunidade consagrada ... tecedora de comunhão

Vivemos em comunidade buscando juntos e discernindo a vontade de Deus²², em processo de conversão, de volta ao essencial e à essencialidade do Evangelho. Sabemos que não chegamos ao íntimo, à raiz do que em nós tem de ser cortado, sem vencermos resistências, sem nos vencermos a nós mesmos.

Talvez necessitemos de tempo de encontro para nos deixarmos olhar, adquirir uma perspectiva nova para realmente oferecer, representar e significar aquilo que faz parte da nossa identidade originária e fecunda²³.

Voltar ao essencial na comunhão é voltar ao AMOR, regressar à arte de ser *tecedores de comunhão*, de fraternidades que sonham juntas a missão. Redescobriremo-nos na alegria de estar juntos, mesmo no deserto, lá onde *é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida*. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé, pessoas-cântaro para dar de beber aos outros²⁴, que dedicam tempo à proximidade, ao perdão, ao acolhimento, à Palavra e às palavras, ao sorriso, ao olhar, à escuta.

¹⁹ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *A vida fraterna em comunidade*, n. 56.

²⁰ ARAGONESES, Rosa Ruiz, *El don de la comunión*, in Conferencia Española de Religiosos, Somos Confer, Diciembre 2020, n. 23, p. 13.

²¹ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *O dom da Fidelidade, a alegria da Perseverança*, n. 20.

²² Cf. Idem, Instrução *A vida fraterna em comunidade*, n. 45.

²³ Cfr. GONZALO DIEZ, Luiz Alberto, Idem, p. 75.

²⁴ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 86.

Nada nos pode separar desse amor maior que configura a *mística do encontro*, vivida na confiança que nos vem da fé na graça que é mais forte que o nosso pecado, recuperando dimensões carismáticas que são chave da vida fraterna: rezar juntos, a simplicidade, a pobreza, a disponibilidade, o perdão, a alegria, a gratuidade... Comunidades hospitaleiras de acolhimento e presença profética que o mundo necessita para redescobrir essa presença do Vivente. Este é o dom e a tarefa que nos cabe acolher e construir, (re)fazer, a partir da realidade frágil que somos, deve ser continuamente criada e recriada pelo Alto²⁵.

Nisto conhecerão que sois meus discípulos... se vos amardes (João 13,35).

O amor a Deus e aos irmãos é o nosso único e primeiro mandamento. É a síntese da nossa fé e o sinal que pode fazer o mundo acreditar, o que dá coerência e verdade à nossa existência. O amor é a nossa vocação e a nossa missão. Esta é a memória viva de Jesus para a qual fomos ungidos e enviados²⁶.

Este amor é o impulso criador que marca a nossa identidade e define-nos pertença de uma Pessoa e de irmãos e irmãs. Identidade e pertença são inseparáveis, *não é possível responder quem sou, sem incluir a resposta a quem pertença*²⁷. Neste sentido, o compromisso afetivo e efetivo com a comunidade (sentido de pertença) é a prova visível da nossa identidade invisível (consagração).

De facto, a fraternidade é sempre artesanal, feita e refeita nesse espaço humano e sagrado de encontro e de encontros, onde aprendemos a viver em encontros e por meios de encontros, que têm a confiança como marca elementar, vivendo de afetos intensos e persistentes que ligam, criam laços interpessoais e regulam as relações intersubjetivas... encontros de mútuo reconhecimento que implicam toda a vida, geram vida e mantêm a vida²⁸.

Este é o espaço de vida que é dom, tarefa, cruz, arte, amizade e experiência de *reconhecermos reconhecidos* no amor. *Precisamos de nos deixarmos tocar e envolver por esse milagre que é o encontro. Tão necessário como a água. Tão precioso como os poços no deserto. Nós que nos multiplicamos em infinitos contactos, não é fácil nem frequente que nos encontremos, tantas são as indiferenças e os cálculos, os desacertos e os desenganos com que desenhamos as nossas relações. Mesmo as mais próximas. Fazemos quase tudo e damos tanto para nos atrairmos mutuamente. Mas, logo que nos aproximamos, já não nos suportamos. Sobretudo, não suportamos o-espaço-aberto-entre-nós, esse lugar que precede e que excede, a ti e a mim, sem ser propriedade tua nem minha, para implicar a ambos em algo maior e, ainda, inédito. Porém, entre-o-tanto-e-o-tao-pouco-que-somos, o milagre acontece. E acontece sempre que nos reconhecemos reconhecidos*²⁹.

²⁵ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *A vida fraterna em comunidade*, n. 11.

²⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Idem*, n. 22.

²⁷ ARREGUI, Josune, *Reinventar el arte de vivir juntas*, in UISG Boletín, n. 47-2011, 15.

²⁸ Cf. CORREIA, José Frazão, *A Fé vive de afeto*, 2014, p. 69.

²⁹ *Idem*, p. 113-115.

A fecundidade da Vida Consagrada depende da qualidade da Vida Fraterna³⁰, gerada num espaço vivencial de maturidade humana e qualidade evangélica das pessoas que a integram. Ao mesmo tempo, uma boa comunidade na sua organização e formas de se relacionar ajuda a crescer as pessoas e possibilita processos de transformação pessoal. A vida fraterna é o nosso sonho e esse sonho anima-nos a tentar, a buscar novos modos, a reinventar a comunidade como tarefa quotidiana, a analisar as mudanças e reencontrar as formas significativas³¹.

A nossa comunhão está chamada a refletir a alegria do Evangelho, que nos enche o coração e a vida inteira de quantos se deixam salvar por Cristo e libertar do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria, uma alegria pascal que marca uma nova etapa evangelizadora da Igreja e da própria Vida Consagrada, como nos convida o Papa Francisco³².

A alegria fortalece a fidelidade e constitui um sustentáculo para a perseverança³³. A alegria nasce da gratuidade de um encontro, o encontro com Ele e com os irmãos. As comunidades ricas de alegria e do Espírito Santo tornam-se elas mesmas evangelizadoras, lugares de esperança, lugares onde o amor, haurido de comunhão, que é a oração, é chamado a tornar-se lógica de vida e fonte de alegria³⁴.

*E não há maior fidelidade e perseverança que aquela que nos dá a liberdade*³⁵, para escolhermos viver em comunidade.

Agradecemos à comunidade que se faz mediação

onde se encarna o sonho de Deus numa vida consagrada

significativa vocacionalmente, interpelativa profeticamente e fiel no amor.

³⁰ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica Instrução *A vida fraterna em comunidade*, n. 57.

³¹ Cf. ARREGUI, Josune, p. 16.

³² FRANCISCO, *Evangelli Gaudium*, n. 1.

³³ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *O dom da Fidelidade, a alegria da Perseverança*, n. 42.

³⁴ Cf. Idem; JOÃO PAULO II, Idem, n. 51.

³⁵ ARAGONESES, Rosa Ruiz, Idem, p. 13.